

Congresso dá as cartas

JÔ RODRIGUES

O País vive, hoje, um dia inusitado em sua história recente. Depois que o triste movimento revolucionário de 1964 ceifou todos os sentimentos nativistas, corrompendo as instituições e tornando os brasileiros meros marionetes, voltamos a exercitar, plenamente, nossos dotes democráticos.

Infelizmente, quis o destino que o primeiro presidente eleito da nova história fosse a vítima. E, pior, que despertasse a ira dos brasileiros por ser suspeito de locupletar-se da onda de corrupção desencadeada pelo seu dileto amigo, Paulo César Farias, ao contrário da pregação que fazia antes das eleições, de voltar suas baterias contra a tal da corrupção.

Hoje, o Congresso vive dia de glória, e o País também. A Câmara dos Deputados terá a responsabilidade de dizer se o senhor Fernando Collor de Mello deve ou não sofrer o instrumento do *impeachment*, após o Supremo ter dito que pode.

Mas, à margem dessa discussão, uma outra toma conta de todos: será que a oposição, de um lado, e Governo, de outro, têm número de deputados suficiente para aprovar, ou rejeitar, o *impeachment*?

Este é um capítulo que tem merecido enfoque especial, e faz com que o País pare, e pense e veja quais as cartas que estão à mesa dos jogadores. Os partidos oposicionistas, que lideram o movimento, aliados a outros, alguns até que engrossavam as hostes governamentais, usam armas discutíveis para garantirem seus objetivos. Para os da oposição, o negócio é barrar qualquer chance e usar os meios regimentais de que dispõem. Já os governistas, através da discutida e discutível "tropa de choque", tentam usar meios digamos "heterodoxos", para arregimentar aqueles que ainda estão indecisos.

Nos últimos dias, inclusive, os meios de comunicação foram bombardeados pela revelação que Collor, fugindo ao seu estilo, estaria telefonando para aqueles

indecisos, prometendo o paraíso, se ficarem contra o *impeachment*, ou o inferno, caso adotem conduta contrária. Há, até, uma contagem estapafúrdia, por parte da tropa, contabilizando mais de duzentos votos. Já a oposição garante que tem mais de 340 votos. Se essas estimativas forem corretas, teremos um fenômeno na Câmara. Ela será pequena para abrigar todos os seus integrantes.

Isto quer dizer que alguém está exagerando. E, aí, estamos diante de uma interrogação. Será que ambos os lados estão usando cálculos de "fachada", para dar uma falsa idéia de superioridade, procurando minimizar as forças contrárias? Será que o Governo, certo da derrota, estaria patrocinando um terrorismo disfarçado?

A grande questão é saber se essas artimanhas são válidas. Do lado do Governo, já vimos que todos os recursos estão sendo utilizados à cata dos indecisos. Do lado da oposição, vemos tal procedimento, embora, ao nosso ver, pareça que não estão utilizando os chamados métodos "heterodoxos". Pressionando de todas as formas aqueles que, até hoje, estão em cima do muro. E, pasmem, esses não são do PSDB...

Hoje à tarde, todas essas questões virão à tona, provocando tensão entre todos, não apenas do Congresso, mas do País e até do exterior. Mas, apesar disso, o País participará de um movimento ímpar na solidificação da sua embrionária democracia e, certamente, verá os representantes do povo exercitarem as prerrogativas que lhes foram atribuídas pelo voto. Esperamos, porém, que coloquem quaisquer sentimentos fisiologistas abaixo daquele maior, de defesa da moral, deste povo que, ultimamente, compareceu às ruas para dizer que ele está vivo e, saibam os senhores congressistas, atento a qualquer manobra que venha contra seus sentimentos.

■ Jô Rodrigues é repórter do *Jornal de Brasília*